

ECOSOFIA TROPICAL, EDUCAÇÃO AMBIENTAL CANIBAL E A AVENTURA DE DESNUDAR-SE

André Luiz Chaves Yang¹

Marcos Reigota²

Rodrigo Barchi³

Resumo: Este texto apresenta algumas narrativas que se propõe como “aventuras” de narrar-se e desnudar-se, ou seja, carregam, em momentos e discursos sobre o cotidiano, uma série de elementos políticos, culturais, ecológicos, educativos e sociais, vistos e vividos pelos próprios narradores. Os quais, em suas militâncias, trajetórias e convivências, buscam decifrar as questões contemporâneas, as suas formações como sujeitas e os entrelaçamentos dessas esferas, a partir de um exercício do desnudamento de si. Essas narrativas fazem parte de uma proposta ética, teórica e metodológica das perspectivas ecologistas em educação, as quais, a partir dos conceitos de ecosofia tropical e educação ambiental canibal, propõem não se alinhar às tendências hegemônicas, dominantes e maiores da educação ambiental institucionalizada. O texto traz, em um primeiro momento, uma discussão das perspectivas teóricas e metodológicas, baseadas principalmente no pensamento de Felix Guattari e Paulo Freire, e depois, apresenta quatro narrativas, ou aventuras de desnudar-se, a partir dessas propostas.

Palavras-chave: Ecosofia; educação ambiental; narrativas cotidianas; desnudar-se.

Abstract: This text shows some narratives that are proposed as the “adventure” of narrating yourself and uncovering yourself, that is, they carry in moments and speeches about the daily life a series of political, cultural, ecological, educational and social elements that are seen and experienced by the narrators themselves whom in their militancy, history and living they try to decipher the contemporary issues, their formation as individuals and the link between such spheres from the uncovering activity of yourself. These narratives are part of an ethical, theoretic and methodological proposal of the ecologic perspectives in education, and they propose from tropical ecosophy and cannibal environmental education concepts not to be aligned to the leading and stronger hegemonic trends of the institutionalized environmental education. The text brings at first a discussion about the theoretical and methodological perspectives based mainly on the Felix Guattari and Paulo Freire thinking, and afterwards shows four narratives or adventures of uncovering yourself from such proposals.

Keywords: Ecosophy; environmental education; daily narratives; uncovering yourself.

De ecologias e educações... de canibalismos a desnudamentos...

Nosso posicionamento político, ético, filosófico, estético, ecológico e educacional se pauta na extensão da noção de ecosofia empregada por Félix Guattari (GUATTARI, 1991), que Marcos Reigota apresentou e desenvolveu nos seus livros publicados em 1999, “Ecologistas” e “A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna” (REIGOTA, 1999a, 1999b), e que, desde o seu artigo “A ecosofia de Félix Guattari e suas conexões tropicais”, apresentado no evento “Conexões Deleuze”, que ocorreu na Unicamp em 2015, e que foi publicado no livro

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade de Sorocaba (UNISO). *E-mail:* andrelcyang@hotmail.com.

² Doutor em Biologia da Educação (Université Catholique Louvain la-Neuve). Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba (UNISO). *E-mail:* marcos.reigota@prof.uniso.br.

³ Doutor em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Coordenador do Curso de Geografia da Universidade de Sorocaba (UNISO). *E-mail:* rodrigo.barchi@prof.uniso.br.

“Conexões Deleuze e máquinas e devires e...” organizado por Alda Romaguera e Antonio Carlos Amorim (ROMAGUERA; AMORIM, 2015), tem denominado de ecosofia tropical.

Essa perspectiva teórica e política enfatiza as práticas pedagógicas e sociais cotidianas que se identificam como educação ambiental, produzidas à margem e em contraposição à educação ambiental das políticas públicas, dos dispositivos de controle e de validação acadêmica e das biopolíticas. Como Rodrigo Barchi argumenta, apesar do potencial transformador da educação ambiental, a mesma, em seu processo de institucionalização de suas perspectivas teóricas e metodológicas, mais do que ferramenta de mudança, torna-se um instrumento de manutenção das estruturas econômicas, sociais e políticas (BARCHI, 2016a)

Por isso, denominamos “educação ambiental canibal” os projetos políticos e pedagógicos que dialogam com os referenciais teóricos citados acima e que incorporam as contribuições culturais e ecológicas do Manifesto Antropófago no movimento de desconstrução de parâmetros e processos políticos e teóricos colonizadores e colonialistas assim como autoritários, conservadores e fascistas.

Nesse sentido, a “educação ambiental canibal” ressignifica a pedagogia freireana - principalmente e não somente - tendo como base alguns dos livros de Paulo Freire, como “Dialogando com a própria história”, em coautoria com Sérgio Guimarães (FREIRE; GUIMARÃES, 2013), “Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa” (FREIRE, 2011) e “Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos” (FREIRE, 2014). O processo de ressignificação da pedagogia freireana tem também na proposta de Bene Fonteles o “Adiar o fim do mundo”, apresentado na Bienal de Arte de São Paulo de 2016, uma de suas principais interlocuções.

Aliás, uma educação ambiental canibal, em seus aspectos mais extremos possíveis (infernais, licantrópicos, ruidosos, menores, anárquicos...), para que possa realizar a devida deglutição antropofágica de seus traços e ranços reacionários, opressivos e facínoras, precisa antes promover um ritual intenso de destroncamento, rompimento, repartição, múltiplas fraturas e pulverização das verdades unívocas e generalistas da própria educação ambiental. Esse processo é indispensável antes - e também durante - a antropofagia que intenciona construir sentidos outros nas ecologias, nas educações e nas construções de si.

Nossa proposta teórica e política ganha espaço público, acadêmico e terapêutico, e se complementa e concretiza com as narrativas ecosóficas de André Luiz Chaves Yang, Rodrigo Barchi e Marcos Reigota, que ampliando e radicalizando a “aventura de narrar-se” de Margareth Rago (2013) nos permite expor a liberdade, a loucura, a aventura de desnudar(se) e de desconstruir cotidianamente os dispositivos de controle e de submissão às normas em ambientes de aprendizagem, experimentação e conexões.

Consideramos como político e pedagógico o movimento de tornar (se) público de André Yang, via Facebook, as suas experiências cotidianas como ex-usuário de drogas, como terapeuta de clínicas especializadas nos cuidados aos usuários de drogas, como participante do RELETRAN - Rede Europeia e Latino-americana de Trabalho Social - como ativista do movimento Floresta Cultural Três Meninos de Sorocaba e como estudante de psicologia na UNISO a deglutição que tem feito da obra de Guattari e dos autores e textos citados acima.

Assim como a narrativa de Rodrigo Barchi, professor e coordenador universitário, pesquisador das margens e do underground, ecologista, que a partir de um breve deslocamento entre Sorocaba e São Paulo, traz à tona uma série de elementos políticos, ecológicos, educacionais e (contra)culturais, e partindo da perspectiva que propomos, carregam o potencial de compreensão e transformação necessários perante as questões contemporâneas mais emergentes.

Além do texto de Marcos Reigota, ecologista, cientista, pesquisador, dialogador, freireano, transitando entre sua passagem por Hiroshima, durante os eventos de aniversário da

explosão da bomba atômica, as lembranças do cantor e compositor Luiz Melodia, e uma série de aproximações e afastamentos sobre as relações entrelaçadas entre a ecologia, a política, a educação e o fim do mundo.

As nossas narrativas, ao mesmo tempo coletivas e individuais, que se entrecruzam e se afastam transversalmente, e que insistimos em denominar de ecosóficadas, dialogam, se aproximam e se afastam da produção teórica de autoria da nova geração de educadores ambientais (colegas que concluíram o doutorado após 2010) e que publicaram artigos em dossiês temáticos sobre educação ambiental em revistas especializadas em educação, conforme diagnosticado no projeto de pesquisa “A educação ambiental em dossiês nas revistas do campo educacional: teorias, temáticas e políticas na produção acadêmica da nova geração de pesquisadores e pesquisadoras”, desenvolvida na Universidade de Sorocaba e financiada pelo CNPq.

Entre os produtores culturais que adentram e solidificam a proposta política pedagógica da ecosofia tropical, através das práticas cotidianas denominadas de educação ambiental canibal e da aventura de desnudar(se) encontram-se, Lenilson, Legião Urbana, Racionais MC's e Consciência Humana para André Luiz Chaves Yang; os conjuntos brasileiros de *Grindcore*, *Death* e *Trash Metal*, e *Metal Indígena* (Rot, Facada, Torture Squad, Violator, VoodooPriest, Nervosa, Krisiun, Ratos de Porão e Arandu Arakuaa, entre outros) para Rodrigo Barchi; e Belchior, Luiz Melodia e Milton Hatoum para Marcos Reigota. As diferenças – em alguns casos intransponíveis – nos aspectos éticos, estéticos e políticos entre os produtores culturais citados apresentam como ponto comum o exercício incontornável da “conversação deleuziana” entre pessoas de gerações diferentes habitando, convivendo, estudando, pesquisando, criando, desconstruindo, provocando e desafiando “o coro dos contentes” como nos lembra Jards Macalé, em convergência e à partir do mesmo espaço geográfico e institucional.

A pesquisa, em educação, meio ambiente e cultura apresenta-se como experimento (que de fato são), dessaranjando o funcionamento do dispositivo que opera de maneira a organizar tudo o que se passa, os modos como agimos, sentimos, percebemos e pensamos as questões, problemas e práticas cotidianas – para que nada nos aconteça, isto é, para que permaneçamos idênticos ao conjunto de disposições modelares (GODOY; AVELINO, 2009, p. 339).

Nesse sentido, nosso processo investigativo e criativo se aproxima do posicionamento de Ana Godoy e Nildo Avelino, e a partir desse esclarecimento do amplo distanciamento que tomamos das práticas científicas, metodológicas, educativas molares e macropolíticas, trazemos, adiante, duas narrativas ecosóficadas construídas por André Yang, uma construída por Rodrigo Barchi, e outra por Marcos Reigota, também revisitada a partir de uma postagem de sua página na rede social Facebook.

Primeira postagem de André Yang - Quinta, 16 de março de 2017 às 13:30

Da série "Músicas para ver" - Ouvir, sentir e ver.

Ver o mundo se transformando. Das vibrações do som para a pele. Da pele para a sensibilidade, uma harmonia afetiva flutua e transforma os socos do falante no ar em sentidos. Sinestesia! Uma brisa interessante (sem LSD).

Micronarrativa de um detento. - "Diário de um detento" (RACIONAIS MC'S, 1997) (na minha terra - Casa Verde Alta, ZN de SP isso é hino, é clássico). Com a genealogia de Foucault, as estigmatizações caíram por terra. Ao menos em algumas partes do mundo acadêmico. A sociedade produz a cultura, a cultura é o ser:

Tirei um dia a menos ou um dia a mais, sei lá
Tanto faz, os dias são iguais
Acendo um cigarro, e vejo o dia passar
Mato o tempo pra ele não me matar
(RACIONAIS MC's, 1997)

O Carandiru, foi demolido e no local, construíram um parque. Ali em algumas visitas que fiz, muita gente se encontra. Muita riqueza cultural corre por aqueles parques. Mas dada as notícias que correm por aí, deveriam ter deixado o pavilhão do massacre, uma evidência histórica. (de onde saiu isso? Visitas com filhos, sobrinhos (Larissa Yang), Vanessa Chaves Yang, Regis Tegani, Nathalia Piscolaro, Fábio Intasqui, Kelly Gardim e Diego Augustinho ao "Parque da Juventude"; Da varanda de um apartamento de Santana na casa do Vitor de Rossi, no dia da implosão; Do filme e do livro Carandiru).

Curta o som!

Segunda Postagem de André Yang - Sexta, 17 de março de 2017 às 14:48

Da série "músicas para ver"

Também na Casa Verde, ZN de SP, conheci a música "Lembranças" do Grupo de Rap Consciência Humana. Sob a influência do meu primo João Carlos. Ainda não tinha nenhum problema com drogas na época. Frequentava a balada rap "Tio San" no bairro de Santana, para dançar break e ter momentos catárticos no bate-cabeça. Em 2006 fui internado involuntariamente. No meio da areia movediça em que me encontrava, até achei bom ter sido internado, estava sufocado e não sabia o que fazer, o crack me consumia.

Cheguei até lá ludibriado por uma propaganda na internet que vendia uma espécie de tratamento por um dia. Já na enfermaria da clínica, com quatro seguranças ao meu redor, recebi a notícia de que quem havia me levado já não estava mais ali e que eu não poderia falar com essa pessoa ou ligar para ela. À noite, também acompanhado de vários seguranças, foi me aplicado, contra minha vontade, (Enfermeiro - vai por bem ou por mal) medicação intravenosa nos dois braços e na bunda. Levantei da cadeira já mole. Acordei três dias depois, com outras roupas, na "Sala de Observação" (S.O.).

Essa sala era utilizada para acolher os que chegavam da rua até que se "acostumassem" à instituição. Ela não tinha janelas, somente camas e outros sequestrados. Na porta um segurança. Não podíamos sair. A comida era consumida ali mesmo. A S.O. também era um dispositivo de adestramento. Quem desviava a conduta parava ali. Fortemente medicado, por vários dias.

Em uma ocasião, dei um de meus cigarros para alguém que não podia. Fui pego. Sete dias de "Sala de Observação" por isso. Numa outra ocasião, mais sete por esquecer a hora de tomar o remédio. Ali dentro não consegui parar em pé. A medicação, o famoso "Danoninho" (sortidos medicamentos amassados e misturados com água que tinham a textura de iogurte), me chumbava na cama. Dormia e acordava. Cambaleava até o banheiro. Perdia a noção das horas e dos dias. Não eram permitidos livros cadernos, nada. Até inventamos um jogo da velha com pedaços de papel higiênico. No sábado o calor fritava a porta de ferro trancada, pelos pequenos vãos eu via a grama, o muro de cinco metros e a cerca elétrica. Eu não reclamava. Acreditava que merecia aquilo. Afinal, quem me mandou usar drogas?

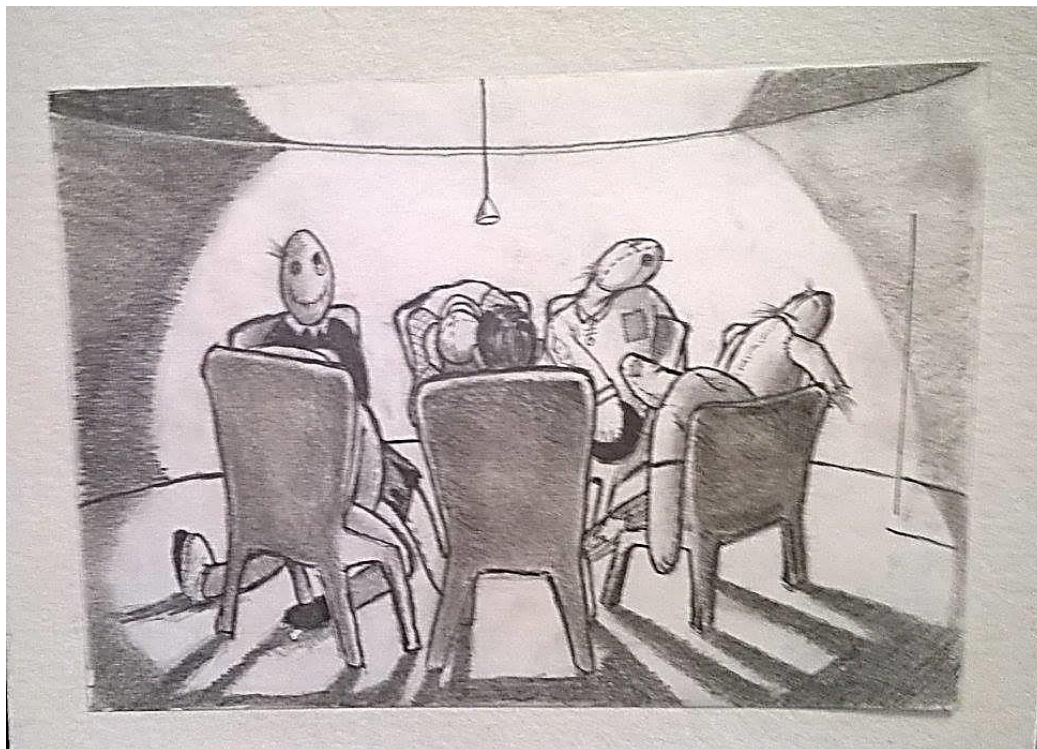


Figura 1 - Foto compartilhada no relato de André Yang, retirada da obra da coleção "Recuperação", do artista plástico, arquiteto e urbanista Flávio Messas - 9 de novembro, biblioteca Aluisio de Almeida, Universidade de Sorocaba

No meu relatório de admissão foi transcrito que eu não sabia colocar limites. Não sabia dizer não. Talvez, isso possa ter se tornado uma justificativa técnica para me trancar por sete dias. Explico a "lógica": dei um cigarro para que eu não podia, me arrisquei a sofrer consequências ruins por um pedido que deveria ter sido negado, o de dar o cigarro. Comportamento problemático seguido de punição (ficar trancado). Talvez uma tentativa de controle, talvez puro sadismo. Laranja Mecânica versão SP. Sociedade disciplinar.

Durante a internação tratei de escrever a letra de "Lembranças" (CONSCIÊNCIA HUMANA, 1998) no caderno:

Ei cara, quando eu me lembro das suas palavras;
Dos seus planos de vida, das nossas ideias trocadas;
Das noites de sorriso e das baladas geladas;
Em que comigo você se preocupava;
(CONSCIÊNCIA HUMANA, 1998)

Fiquei surpreso em lembrar-me da letra toda. A música era um processo de elaboração. Também ouvia "Vento no litoral" (LEGIÃO URBANA, 1991), para as saudades.

Se o vento ainda está forte
E vai ser bom subir nas pedras
Sei que faço isso pra esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora
(LEGIÃO URBANA, 1991)

Foram três meses de "tratamento".

Andarilhanças ecosóficas, por Rodrigo Barchi. Sorocaba/São Paulo/Sorocaba, 06 de janeiro 2018.

Saímos de Sorocaba aproximadamente 12:30 hs. Resolvemos dar um de nossos passeios em São Paulo logo após a virada do ano, pois além da cidade estar vazia, enfrentaríamos menos trânsito e não correríamos o risco de ter estresse, mesmo indo de ônibus... Afinal de contas, o preço galopante da gasolina não nos permite mais o luxo de idas e voltas motorizadas até São Paulo.

Como sempre resolvemos passar o réveillon em casa, devido aos fogos causarem pânico em nossas nove mascotes adotadas, nos demos o direito de sair uns dias depois. Havíamos planejado um longo dia de passeios gastronômicos e culturais pela cidade, sem muito compromisso com a hora de voltar. Eu estava tão em ritmo de férias (que não me foram possíveis nos últimos anos devido ao doutorado e demais compromissos), que nem com as minhas camisetas de bandas trituradoras eu estava usando.

Não me lembro de ter ido passear em São Paulo sem camisetas de banda. Ao invés de usar uma de minhas camisetas do Carcass, Napalm Death, Suffocation ou Sinister, preferi utilizar uma provocativa camiseta de Charles Darwin, comprada por minha companheira em sua ida ao Museu Natural de Britânico. Uma camiseta tão diabólica quanto às das bandas mais blasfemas que acompanho...

Minha esposa havia ido ao Reino Unido para assistir à última turnê da banda pós-punk Blondie. Sonho antigo, de adolescente, que poderia finalmente ser realizado, já que o conjunto nunca havia feito turnês pelo Brasil, e uma série de coincidências possibilitou sua estadia por lá.

Eu estaria participando, na mesma época do show, de um seminário em Berlim, financiado pelo Convênio CIIIE (Centro Interdisciplinar e Internacional de Pesquisa e Ensino Aplicado), do qual fazem parte a Universidad Autónoma de Mexico (UAM), a Universidad Autónoma “Benito Juárez” de Oaxaca (UABJO), a Universidade Nacional da Colômbia (UNAL) e a Universidade de Sorocaba (UNISO), da qual sou professor e coordenador de curso.

Quando ela me encontrou em Berlim, um dia após o show, estava carregada de camisetas, pôsteres, cartazes e outras lembranças do show, as quais se transformaram em um gigantesco quadro, pendurado em nossa sala de jantar. Todos esses objetos traziam a imagem da capa do último disco do Blondie, chamado *Pollinator*, com um fundo vermelho e rosa claro, e a imagem de uma abelha sobre uma flor.

A vocalista Debbie Harry desenvolve, desde 2017, uma campanha intensa de conscientização e militância em favor das abelhas, cujas populações estão em rápido declínio pelo globo. A campanha, chamada BEE Conected⁴, conta com a parceria de instituições como Pollinator Partnership, Friends of the Earth e o Greenpeace. Contava-me, minha companheira Ana Paula, que Debbie Harry realizou diversas falas, durante o show, a respeito da proteção e importância às abelhas no mundo.

Nesse mesmo show, contava-me ainda Ana Paula, que nesse mesmo show ocorreu a “pré-estreia” do vídeo clipe do Blondie, “Doom or Destiny”, com participação especial da cantora Joan Jett – conhecida por sua carreira “solo” e também por ter integrado o conjunto *The Runaways* – onde as duas cantoras estão representando apresentadoras de um telejornal, e realizam amplas críticas à política internacional, ao governo do presidente estadunidense Donald Trump, ao sexismo nas relações contemporâneas, à catástrofe ecológica global e as possíveis – e sinistras – perspectivas de futuro para o planeta.

No que diz respeito à proteção ambiental e defesa da biodiversidade, o discurso e a ação de diversas bandas ao redor do globo são inegáveis, extremamente relevantes e combativas na

⁴ <<http://www.blondie.net/beeconnected/>>.

divulgação e na militância ecológica. Desde grupos com apelo mais popular, como Midnight Oil nos anos 80, ou o Gojira atualmente, até – e especialmente – os conjuntos de música extrema, entre os quais diversas bandas de hardcore e grindcore, como Carcass, Napalm Death, Ratos de Porão, Rot, S.O.B. e Agathocles, entre outras (BARCHI, 2016b). Lembro-me da participação do João Gordo, da banda paulistana Ratos de Porão, que escreveu e vociferou a composição Extinção em Massa, da banda de *death* metal Krisiun:

Degradando o ecossistema/ O homem corrói a vida
 Não há solução para o problema/ Da sexta extinção em massa
 Sem banalizar esse dilema/ Gritando como fera ferida
 Perdendo razão com o teorema/ Da sexta extinção em massa.
 (KRISIUN, 2011).

Voltando ao nosso passeio a São Paulo, reparávamos no quanto a rodovia Castello Branco parecia mais verde. Não sabíamos se era por causa da estação chuvosa, ou pela crise econômica que havia feito os empreendimentos ao redor da rodovia cessar, mas estava diferente. Claro que no meio do caminho, havia as escabrosidades na paisagem, como o aeroporto construído às margens da rodovia, que, sem nenhum cuidado, havia devastado boa parte da mata da região, fazendo com que animais silvestres – como onças-pardas – fossem obrigados a fugir. Nos últimos anos, os relatos de atropelamentos de animais silvestres naquela região aumentaram intensamente.

Ao chegarmos a São Paulo, fomos direto à Rua Augusta, comer no pequeno restaurante vegetariano Maoz. Além da ausência dos ingredientes animais, minha fascinação por comida árabe não me permite ir para São Paulo sem comer um mísero faláfel. Para “matarmos” o tempo e fazermos a digestão, fomos até o Conjunto Nacional da Av. Paulista tomar um sorvete e procurar por ofertas na Livraria Cultura. Saímos felizes, pois enquanto eu conseguia um bom desconto nos livros de Georges Bataille e Gianni Vattimo sobre Nietzsche, Ana Paula havia conseguido uma pechincha em uma coletânea, com seis CD’s, de música cubana dos artistas do grupo Buena Vista Social Club.

Nossa próxima parada era a Central Panelaço, no bairro do Bixiga, em São Paulo. É a loja administrada pelo João Gordo, vocalista da banda *hardcore* Ratos de Porão. A loja leva o nome do programa que João Gordo apresenta no site Youtube, desde o ano 14, chamado Panelaço. No programa, ele entrevista um convidado, enquanto cozinha um prato vegetariano, e/ou quase sempre, vegano. Entre os entrevistados, estão membros de bandas de música extrema (Krisiun, Korzus, Torture Squad, Nervosa, Sepultura), rappers (Mano Brown, MV Bill, RZO, Rappin Hood), e celebridades da TV (Cátia Fonseca, Astrid Fontenelle, Xico Sá) e até ex-jogadores de futebol (Vampeta, Casagrande, Sorin).

Na loja, há uma série de produtos veganos que podem ser comprados, seja alimentos congelados, ou uma série de temperos. Além de uma grande quantidade de discos, DVD’s, CD’s, Zines, camisetas de bandas, bonés, brinquedos, entre outras coisas. A loja fica a dois quarteirões de nosso penúltimo ponto de passagem pela cidade, o bar Al Janiah, administrado por um palestino-brasileiro, e que possui metade dos seus funcionários refugiados dos conflitos do Oriente Médio.

Mas o bar – que também se caracteriza por ser um espaço político e cultural – abriria depois das seis, e resolvemos ficar um tempo a mais na Central Panelaço. Para comer uma coxinha de jaca verde, e tomar uma Cerveja Red Ale “Crucificados pelo Sistema”⁵. Além, claro, curtir o confortável ambiente e a música punk que rolava de fundo.

Como o bar árabe acabou não abrindo antes das 19:00 hs, frustrados, voltamos para a rua Augusta. Antes, fiz uma sessão de fotos na frente do bar – mesmo fechado – em cuja fachada

⁵ Nome do primeiro disco do Ratos de Porão, lançado em 1984.

se encontrava uma grande faixa de apoio à Palestina e protesto contra a decisão do governo dos Estados Unidos em reconhecer Jerusalém como capital de Israel. Na faixa, havia uma grande charge de Carlos Latuff⁶ de protesto contra a ação do Estado israelense contra o povo palestino.

Nas ruas do Bexiga, também havia uma grande quantidade de pichações e grafites de caráter feminista, junto aos diversos cartazes do movimento Feminicidade, os quais são possíveis de serem baixados e impressos por qualquer pessoa, ao acessarem a página na Internet⁷. Nos cartazes, estão registradas fotos, depoimentos, poesias, discursos e frases de mulheres nas cidades, sendo que a proposta do movimento é justamente intervir politicamente na urbe, espalhando os cartazes para todos os lugares.



Figuras 2 e 3: Restaurante Al Janiah e muro no Bairro do Bexiga. Fotos de Rodrigo Barchi

Voltamos à Rua Augusta, paramos em outro bar para tomar uma última cerveja e jantar, e enquanto planejávamos nosso passeio noturno pela Avenida Paulista, uma chuva constante – e também o cansaço – nos fez retornar ao Metrô, em direção à Barra Funda, para pegar o ônibus da viação Cometa das 22:00 hs. Se planejávamos estar às 23:15 hs em casa, na realidade chegamos somente depois de uma da manhã, pois um acidente grave havia ocorrido na rodovia Castello Branco, que fez com que o ônibus saísse da Barra Funda somente 22:45hs, e um congestionamento de mais de meia hora nos atrasasse.

Ora, havia cinco cachorros que ainda não haviam jantado...

Marcos Reigota, 5 de agosto de 2017, Hiroshima...

Hiroshima com Luiz Melodia.

Há dois meses, quando eu fazia a mala no Brasil ouvia Cássia Eller cantar com Luiz Melodia. Ontem, enquanto eu caminhava pelo Parque da Paz de Hiroshima, acompanhando as pessoas que preparavam as inúmeras manifestações de hoje e de amanhã, incluindo as oficiais, que lembram e protestam contra o ato covarde, Luiz Melodia vivia os seus últimos momentos. Só hoje, pela manhã, soube que ele havia partido, pois vários amigos e amigas que sabem da minha profunda admiração

⁶ Cartunista brasileiro reconhecido internacionalmente por seus desenhos em favor dos zapatistas, dos palestinos, dos indígenas, dos negros, contra as corporações transnacionais capitalistas e contra o agronegócio.

⁷ <<http://www.feminicidade.com.br>>.

pelo negro gato de arrepiar, me enviaram mensagens e links com algumas músicas dele. Quando cheguei a Hiroshima eu cantarolava "As dores do mundo" do Hyldon.

Caminhei pelo Parque da Paz ouvindo a sinfonia das cigarras e dos corvos, os ruídos e vozes dos preparativos e "Esquados" da Adriana Calcanhoto, com o Belchior. Uma ou outra criança atravessava correndo o meu caminho e mães zelosas vinham atrás delas. Vi pais cuidando afetosamente dos seus rebentos, nesse espaço marcado pela covardia, pela crueldade e pela radiação. Um deles vestia uma camiseta dos Beatles e outro estava vestido como se acabara de sair do serviço burocrático. Ambos cuidavam dos seus filhos com a mesma atenção e cuidado.

Nesse espaço marcado pela decadência da espécie humana e diante dessas mulheres e homens, me perguntava: como foi possível tanta crueldade? Para suportar essa e outras tantas dores nos resta a música, a poesia e a solidariedade dos que desafinam no coro dos contentes.

"Bis para Luiz Melodia", cantava Wilma Nascimento, num maravilhoso disco esquecido nas profundezas dos anos 1970...

* * * * *

Não é a primeira vez que venho a Hiroshima, mas as questões que me faço continuam as mesmas, multiplicadas ao longo dos anos. Essas questões reafirmam o argumento que esse crime contra a humanidade, que essa covardia, cometida contra a população civil (crianças!!!) pelos EUA não pode ser esquecida até que não exista mais nada e ninguém para contar. Até que tudo vire pó. Não era sobre isso que eu pretendia escrever, pois já escrevi o suficiente sobre esses aspectos e significados das bombas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, mas minhas intenções foram atravessadas e alteradas pela partida do Luiz Melodia.

Preparei minha vinda a Hiroshima com os cânticos, mantras, preces, alimentos, incensos e água dos templos zen de Tóquio até aqui. Precisava dessa transcendência, dessa busca do nada e do insignificante de nós mesmos. Buscava o "desnudar-se" para continuar, para seguir, para fazer o retorno em direção ao nada, ao ser-tão. Refazendo tudo.

Quando visitava com meus estudantes da Alice Salomon University de Berlim a Topografia do Terror, uma estudante me perguntou em qual idioma eu queria o áudio (guia). Eu disse a ela que dispensava o aparelho, que eu não queria saber nada mais daquele lugar e sim senti-lo.

Percorrendo o Parque da Paz me lembrei dessa conversa com a estudante italiana. Caminhando na madrugada, pelas ruas quase desertas de Berlim, com o André Yang, chegamos até o monumento em homenagem às vítimas do Holocausto.

Disse a ele:

"Todo o meu trabalho está relacionado com o que aconteceu na Segunda Guerra...". Voltamos lá alguns dias depois, com o Mauricio Massari dessa vez, e o silêncio se impunha e nos penetrava. Algumas semanas depois fui visitar, com o Yannick, os pais dele e meu filho, o Museu da História da Paz. É o local onde ocorreu a última batalha dos aliados contra os nazistas, na Normandia. Percorremos aqueles espaços em profundo silêncio e com as mesmas questões de sempre, atravessadas pela história e pelos acontecimentos do tempo presente:

"Se a gente falasse menos, talvez compreendêssemos mais".

Dessa vez, voltei a Hiroshima focado para observar a Chinese Para-sol (*Firmiana simplex*), que foi exposta à bomba e sobreviveu. Ela foi replantada no Parque da Paz. Queria saber mais da história dessa árvore, pois nas vezes anteriores não dediquei a ela a devida atenção.

Como os bichos e as plantas sobreviveram? Se é que sobreviveram, evidentemente...

Nesse enfoque atual de minhas pesquisas sobre Hiroshima e Nagasaki e sobre os posteriores acontecimentos de devastação da vida, procuro saber a história dos que não podem narrar, de forma que nós, humanos, possamos entrar em conversação.

O que conta essa árvore sobrevivente?



Figura 4: A árvore sobrevivente de Hiroshima. Foto de Marcos Reigota

Quais narrativas ela nos enfatiza, na linguagem do silêncio, no balbucio do vento nas suas folhas, nas cigarras que nela se instalam, no pouso dos corvos nos seus galhos?

O que contam os sulcos do seu tronco, os galhos que pendem e as suas entranhas que as fotos diante dela não podem captar?

* * * * *

Continuei a caminhada e de longe vi um homem que parecia em posição de prece. Aproximei-me dele e vi que estava trabalhando. Envolvido com vários aparelhos ele mensurava o teor de radiação do solo. Preparei-me para chegar a Hiroshima ouvindo a banda japonesa de grindcore S.O.B. que o Rodrigo Barchi me recomendou e enviou vários links, dos momentos clássicos.

Pauleira. Só o Rodrigo consegue fazer isso comigo, voltei correndo aos acordes do violão bossa-novista e "ao auxílio luxuoso de um pandeiro".

O Paulo Henrique de Amorim me enviou um vídeo que mostra como era Hiroshima em 1935. Era uma cidade moderna e cosmopolita. Provavelmente as crianças que aparecem nesse vídeo vivenciaram a guerra, durante a adolescência e juventude delas.

Sobreviveram? Mudaram-se para o Jabaquara?

Para a Liberdade?

Decidiram refazer(se) tudo lá pros lados de Promissão?

De Tupã?
 De Marília?
 De Rolândia?
 De Maringá?

Um amigo de Guaíçara me enviou um e-mail contando um pesadelo que teve: Ele e a família estavam acuados por mercenários, policiais e bandidos. O que eles não sabiam era que ele, o meu amigo, trazia uma bomba atômica no bolso e resolveu usá-la. Tudo se desintegrou. Aquela situação tinha chegado ao fim de uma vez por todas. Ele estava aliviado. Como um super-herói, havia resolvido aquela aflição. Acordou assustado.

A família estava ao redor e ele resolveu me enviar o e-mail dizendo:
 "Não se preocupe Marquinhos. Eu não tenho uma bomba atômica."

* * * * *

Há uma estética da destruição, do caos, do aniquilamento, da submissão e da decadência (da espécie) que pode ser muito interessante e que tem muitos adeptos, mas eu estou interessado e me movo para entender a dimensão ética da destruição e aniquilamento da vida. Quais são os preceitos éticos? Se é que eles existem e são universais.

Partindo do princípio que eles existem e são universais, pois foi nessa concepção que fui firmado e me constituí como sujeito (sim camaradas, os sujeitos existem e vagam pelas beiradas) a avalanche de questões é proporcional aos acontecimentos de devastação da vida que presenciamos cotidianamente. Até quando nos resta viver, no tempo escasso que nos resta viver para adiar o fim do mundo, pensar e atuar no movimento para desafinar no coro dos contentes, adquire urgência e explosiva dimensão política.

É então por esse desvio que podemos caminhar, ouvindo nossas canções preferidas e as canções preferidas das pessoas que amamos. O questionamento ético da devastação da vida, do aniquilamento dos mais fracos, do desprezo e da prepotência diante dos que não podem nada, dos que não podem balbuciar, não podem mover-se, que mal respiram e raciocinam, dos que para quem dois e dois sempre foram cinco é inevitável o posicionamento desconstrucionista cotidiano e constante.

A música e a poesia de Luiz Melodia nos impelem a continuar nesse movimento. Os que sobreviveram têm direito ao silêncio e ao esquecimento.

Eu fico com essa dor
 ou essa dor tem que morrer
 a dor que nos ensina
 que nos ensina a viver. (LUIZ MELODIA, 1995)

Nesse tempo em que milhões repetem à exaustão (com milhões nas contas bancárias): *"não estou nem aí, qualquer que seja o fascista no poder, para nós, os 'superiores', nada altera a ordem natural (??) das coisas"* é possível esquecer e silenciar sobre a própria dor? É possível deixá-la no espaço do privado?

É legítimo todo o aparato oficial para que memória das atrocidades continue viva, mas a onipresença da história oficial, nos monumentos, nos nomes das ruas, na arquitetura, nos museus, nos currículos escolares, carrega a ingenuidade que essa memória concretizada sim evitará outras atrocidades.

A memória oficial e o direito ao esquecimento dos anônimos que querem apenas continuar vivendo, o que resta viver. Conversei sobre isso com o Yusuke Sakai, quando ele me

falava dos sobreviventes de Fukushima, de Kenzaburo Oe, da Yoko Ono e da influência de Paulo Freire no Japão.

Encontrei algumas vezes o Luiz Melodia. Uma delas foi após o show que ele fez na Grand Place em Bruxelas. 1987. Na ocasião uma garotinha de uns 7 anos foi colocada no palco pelos pais dela. Ele e ela ficaram dançando ali. Uma outra vez foi num avião da Varig. Íamos os dois para Macapá. Eu estava lendo um livro sobre os Novos Baianos. Ele chegou e disse "Que legal. Novos Baianos!". Ele me deu um autografo no livro e ficamos conversando sobre o show em Bruxelas e da garotinha que com ele dançava no palco.

Teria tantas histórias com o Luiz Melodia para contar, em diferentes lugares... O que eu não podia imaginar era que teríamos uma história outra em Hiroshima. No trem de Miyajima até Hiroshima uma bela garota se aproximou e puxou conversa comigo. Ela queria informações sobre a Cerimônia pela Paz amanhã.

Reparei que o brinco dela parecia com uma pérola negra...

Rasgue a camisa, enxugue meu pranto
Como prova de amor mostre teu novo canto
Escreva num quadro em palavras gigantes
Pérola Negra, te amo, te amo. (LUIZ MELODIA, 1973)

Referências

BARCHI, Rodrigo. Educação Ambiental e (eco)governamentalidade. *Ciência e Educação*. Bauru, v. 22, n. 3, p. 635-650, set. 2016a.

BARCHI, Rodrigo. *Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa)*. 2016. Tese (Doutorado em Educação). – Unicamp, Campinas, 2016b.

CONSCIÊNCIA HUMANA. Lembranças. *Entre a adolescência e o crime*. Gravadora Zimbabwe, 1998. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-K5fHmyoj5M>>.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e outros escritos*. Organização de Ana Maria Araújo Freire. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. *Dialogando com a própria história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GODOY, Ana; AVELINO, Nildo. Educação, meio ambiente e cultura: alquimias do conhecimento na sociedade de controle. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p. 327-351, dez. 2009.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1991.

KRISIUN. Extinção em massa. *The Great Execution*. Century Media Records, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ww9ksB0KZTk>>.

LEGIÃO URBANA. Vento no litoral. V. EMI, 1991. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OR1_dmqAoGY>.

LUIZ MELODIA. Dores de Amores. *Relíquias*. EMI, 1995. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GO7huhdmPbk>>.

_____. Pérola Negra. *Pérola Negra*. Polygram, 1973. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bJjKyc7VeCc>>.

RACIONAIS MC'S. Diário de um detento. *Sobrevivendo no Inferno*. Cosa Nostra, 1997. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=er-bYI9-3hM>>.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

REIGOTA, Marcos. *Ecologistas*. Santa Cruz do Sul. Edunisc, 1999a.

_____. *A floresta e a escola: por uma educação ambiental pós-moderna*. São Paulo: Editora Cortez, 1999b.

_____. A ecosofia de Felix Guattari e suas conexões tropicais. In: ROMAGUERA, Alda Regina Tognini; AMORIM, Antonio. Carlos. *Conexões: Deleuze e máquinas e devires e...* Petrópolis: DP Et Alii Editora, 2016.